

O além-do-homem nos aforismos de Zaratustra: uma reflexão dialógica

Lucas Innocente Teixeira¹

Nos contornos enunciativos do programa crítico da moral ocidental, o pensamento nietzschiano lançará uma proposta de significado à vida, onde o sujeito avança de uma situação passiva e periférica na condição humana, para reconhecer seu protagonismo criador na existência. Através de uma leitura instrumentalizada pelos conceitos de dialogismo e enunciado de Bakhtin, percorreremos o discurso hermético de Zaratustra, com sua linguagem alegórica-aforismática, onde estará projetada a forma superada para além do humano, o meio de vida que representará o sentido sobre a terra, uma pluralidade silenciosa de sentidos. (DELEUZE, 1976, p. 6).

O ponto de partida para analisarmos o surgimento da criatura nietzschiana, na obra *Assim falou Zaratustra*, germinada em 1883, será no prólogo do livro, onde o asceta expõe para a multidão reunida o termo *Übermensch*, traduzido como algo aproximado da expressão além-do-homem, ou mesmo super-homem. De acordo com o texto:

Quando Zaratustra chegou à cidade mais próxima, na margem da floresta, ali encontrou muita gente reunida na praça; pois fora anunciado que um equilibrista andaria na corda. E Zaratustra assim falou à gente:

Eu vos ensino o super-homem. O homem é algo que deve ser superado. Que fizeste para supera-lo? (NIETZSCHE, 2011, p. 13).

Tipo superior considerado a figura centralizadora das conjecturas filosóficas do pensamento experimental de Nietzsche, esse arquétipo humano é reconhecido por relevos aristocráticos, edificado nobre e forte, de temperamento dionisíaco, com uma atividade intelectual ligado ao sentir explorado pelo corpo, expressões constituidoras de atributos legitimadores do distanciamento entre

¹ Licenciado em Letras (Língua Portuguesa) – FACOS/UNICNEC. Estudante do curso de Pós-Graduação (Lato Sensu) em Filosofia: os clássicos e suas obras – UNISINOS.

seu estado de origem, o homem moderno, considerado por Nietzsche o último homem, representante do cartesianismo, do tecnicismo prometeico fundado pelo progresso científico unilateral. Conforme o comentário de Deleuze:

O maior valor que possui o super-homem deve ser interpretado em termos de seu maior poder. Só ele realiza o estado de ser que o resto da humanidade deseja e para qual tende com mais ou menos deliberação. O abismo entre estes homens e os demais é mais significativo do que separa o homem do animal. É a arte, a religião e a filosofia que elevam o homem acima do animal, e alguns homens acima da massa da humanidade. (GILES, 1976, p.121).

O contraste entre as fronteiras é concebido através da libertação, afirmada sobre a superação da conformidade social veiculada por valores morais civilizatórios, convenções da religião dogmática alicerçada pelo cristianismo ritualizado, preteridos em favor de uma adesão integral ao Dever e à vida destituídos de um sentido prévio, orientado por uma compreensão criativa da existência, aproximada da arte e filosofia.

De acordo com Machado (2001, p. 76) “[...] são os criadores, os solitários, que se elegeram a si próprios, a quem Zaratustra considera como pontes para o futuro super-homem”. Ponto possível de exploração é o ensino em Zaratustra, ou seja, as parábolas-poéticas onde são lecionados os dois critérios fundamentais: A desconstrução dos valores – O super-homem. “Quero ensinar aos homens o sentido do seu ser: o qual é o super-homem, o raio vindo da nuvem negra homem.” (NIETZSCHE, 2011, p. 21).

A transvaloração do último homem reativo, construído sobre a possibilidade de extinguir-se, torna-se necessário o abandono do antigo envoltório para colocar-se no plano além-do-homem. “Grande no homem é ser ele uma ponte não um objetivo: o que pode ser amado, no homem, é ser ele uma *passagem* e um *declínio*.” (NIETZSCHE, 2011, p. 16).

A narrativa de Zaratustra, responsável por introduzir entre os homens a iniciativa da superação de si, referência norteadora para o além-do-homem, também promove as ideias conceituais sobre o eterno retorno, a vontade de potência e a necessidade da transvaloração dos costumes estabelecidos, e sobre tudo, a morte de Deus, talvez a consequência suprema da revolução trágica nietzschiana. “A morte de Deus serve de base ou de trampolim para o apelo de superação do homem pelo super-homem, concebido como o que tem uma existência terrena, isto é, não fundada em valores transcendentais.” (SLOTERDIJK, 2004, p. 49).

Para emitir o discurso, o sábio explora uma linguagem metafórica, com elaboração estilística bíblica, pontuada por frases concisas escritas em aforismos, fragmentos poéticos de um pensamento pluralista, que resguardam ao texto um sentido quase apócrifo das escrituras sagradas, elemento intertextual que confere ao discurso dramático de Zaratustra uma forma doutrinária, porém combativa aos textos litúrgicos ortodoxos.

Peter Sloterdijk (2004, p.49) observará a condução da narrativa e dirá:

[...] é um evangelho do “não-é-mais-necessário-mentir”, um evangelho da criatividade e, por conseguinte, um evangelho de minorias - supondo-se que somente poucos indivíduos sejam criativos e capazes de galgar níveis mais elevados.”

Na perspectiva bakhtiniana (2011), podemos acessar um arcabouço teórico sobre a instrumentalização da linguagem em Nietzsche, para compreender as marcas da relação dialógica presentes entre os modelos textuais. O Dialogismo estabelece-se pela sobreposição, gerada na relação de alteridade para a construção dos sentidos, entre o enunciador e o enunciatário. Todas as formas de textos são pontes estendidas até o outro, onde movimentará processos de comunicação, repercussões de textos anteriores, polifonizados em discursos.

Nietzsche afirma-se em múltiplas comunicações, realizadas tanto dentro das estruturas cardinais de seu pensamento, alinhadas no percurso que lançará os contornos delimitadores do além-do-homem em suas obras, por diálogos travados contra os modelos institucionais do século XIX: A ciência, a religião e os valores morais, que teriam elencado uma lógica reativa imersa em lodo niilista, amalgamadora da vitalidade dinâmica do mundo, das condições convenientes ao crescimento do além-do-homem. Matrizes que justificarão o processo de desconstrução ideológicas operadas nas palavras enunciadas do filósofo – filólogo de Röcken.

O Enunciado é para Bakhtin a unidade da comunicação discursiva, manifestada na linguagem através da diversidade e interações linguística, ou seja, um enunciado constitui-se de outros enunciados, através de diferentes modelos textuais discursivos, porém não está fixado nos limites linguísticos, e de forma inalienável transita sobre a esfera social, perceptível na sua composição. Pluralidade de sentidos acolhida na cosmologia das obras filosóficas de Nietzsche.

Postulado no pensamento nietzschiano, o problema do sentido existencial da trajetória humana, calcada em aparatos ideológicos equivocados, corrompidos por notas de valores engendrados em dispositivos consoladores, que amenizaram a finitude e temporalidade terrena, no ajustamento social passivo e pré-determinado, ludibriado com a satisfação futura. Na sua arquitetura das ideias, Nietzsche confiará no fortalecimento de uma cultura superior, capaz de solidificar a afirmação na condição criadora inseparável da vida, plasmada nos ensinamentos plurais enunciados em Zaratustra: “Quero juntar-me aos que criam, que colhem, que festejam: eu lhes mostrarei o arco-íris e todos os degraus do super-homem.” (NIETZSCHE, 2011, p. 24). Horizonte redimensionado da ignorância, autor expressivo, mobilizado pela liberdade e vontade de querer a si mesmo.

Referências

BAKHTIN; Mikhail. O enunciado como unidade da comunicação discursiva. Diferenças entre essa unidade e as unidades da língua. In: **Estética da criação verbal**. 6º edição. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 2011.

BAKHTIN; Mikhail (VOLOCHINOV; V. N.). Teoria da Enunciação e Problemas Sintáticos. In: **Marxismo e a filosofia da linguagem**. São Paulo: Editora HUCITEC, 1988.

DELEUZE; Gilles. **Nietzsche e a Filosofia**. Rio de Janeiro: Editora Rio, 1976.

GILES; Thomas Ransom. Friedrich Wilhelm Nietzsche: O super-homem e o eterno retorno. In: **História do existencialismo e da fenomenologia**. São Paulo: EDUSP, 1975.

MACHADO; Roberto. **Zaratustra, tragédia nietzschiana**. 3ªed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

NIETZSCHE; Friedrich. **Assim falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. (Trad. Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

NIETZSCHE; Friedrich. **A gaia ciência**. (Trad. Paulo César de Souza). São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SLOTERDIJK; Peter. **O quinto “evangelho” de Nietzsche**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.